

Tacuru, Bateia, Pejada

Sandra Regina Franciscatto Bertoldo (CESUR; USP)¹
Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (USP/ABF)²

RESUMO: A necessidade de identificar e registrar as variedades da língua portuguesa, na sua variante brasileira, tem levado pesquisadores a se dedicarem à coleta lexical em diferentes pontos do país, na tentativa de evidenciar, a partir da fala dos brasileiros/informantes, variedades existentes na língua portuguesa e apontar, a partir de então, os aspectos fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e lexicais que caracterizam esta variante brasileira. Prova disso, são os inúmeros Atlas Lingüísticos que surgiram a partir do Atlas Prévio dos Falares Baianos publicado por Nelson Rossi, em 1963, bem como, o trabalho que vem sendo desenvolvido para publicar o primeiro Atlas Lingüístico do Brasil com amostras dialetais das cinco regiões brasileiras. O presente artigo se soma a essa tarefa e traz uma amostra de um extenso trabalho desenvolvido no Distrito Nossa Senhora da Guia que teve como *corpus* o falar dos seus moradores e buscou identificar possíveis variedades existentes no falar desse grupo social.

PALAVRAS-CHAVE: pesquisa dialetal; léxico; falar cuiabano.

ABSTRACT: The need to identify and register the varieties of the Portuguese Language, particularly its Brazilian type, has made researchers to devote themselves to the lexical collection of these varieties in different regions of the country. The goal of the present paper is to highlight – from the oral speech of Brazilian/informants – the existing varieties of the Portuguese Language, as well as point out the phonological, phonetic, morphological, syntactic, semantic and lexical aspects that characterize that Brazilian Portuguese variety.

The innumerable Linguistic Atlases that have been put out after the “*Atlas Prévio dos Falares Baianos*” published by Nelson Rossi in 1963 attest to the need of such identification of the Brazilian Portuguese varieties. Moreover, the work that has been developed by Brazilian linguistics to publish the first Linguistic Atlas of Brazil with dialectal samples from the five Brazilian regions is a similar effort that attests to this need. The present article sum itself to this task and brings a sample from a widespread work developed in Senhora da Guia District who had as source talk it about your inhabitants and sought to identify possible existing varieties in the talk about this social group.

KEYWORDS: Search dialetal; lexicon; talk cuiabano.

1. Introdução

A análise do léxico de um determinado grupo social é capaz de traçar um perfil étnico-cultural e evidenciar as influências lingüísticas sofridas por esse grupo ao longo de sua história de formação e constituição. O universo lingüístico do indivíduo é, portanto, o determinante de sua comunidade, de sua habilidade para experimentar novos conhecimentos e tomá-los para si, apropriando-se do vocabulário do outro para formar o seu próprio. Quando falamos do conjunto de palavras que funda o vocabulário de um indivíduo – o léxico – referenciamos, por extensão, à formação do saber humano que se constitui de muitas experiências vividas e adquiridas na interação com as múltiplas culturas e com os diferentes grupos sociais.

¹ Centro de Ensino Superior de Rondonópolis; Doutoranda do Programa Filologia e Língua Portuguesa.

² Universidade de São Paulo / Academia Brasileira de Filologia.

Conforme Biderman (2001, p.85):

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar e armazenar o conhecimento do universo. (...) O tesouro vocabular de um idioma constitui um conjunto cujas dimensões não é possível precisar.

Essa afirmativa corrobora o objetivo das diversas pesquisas dialetais espalhadas pelo Brasil que buscam registrar as lexias próprias de cada região, como fator preponderante da formação étnico-cultural do país.

Nesse sentido, nos propomos a apresentar, neste texto, alguns aspectos do vocabulário coletado entre os moradores mais idosos de Nossa Senhora da Guia, distrito pertencente à capital de Mato Grosso – Cuiabá – com características interioranas que, por hipótese, favoreceriam a manutenção de elementos sócio-culturais e lingüísticos.

O surgimento de Guia, ademais de ser distrito de Cuiabá, se confunde com a história da capital porque sua localização às margens do Rio Coxipó-Açu fez do lugar ponto de parada para os que navegavam por esse rio trazendo ou levando mercadorias para a capital Cuiabá.

Situada a 42 km do centro de Cuiabá, Guia tem seu surgimento ligado às expedições chefiadas pelo Capitão-Mor Gabriel Antunes Maciel que, em suas manobras em direção ao norte da capitania, navegou pela passagem que posteriormente deu origem ao Distrito.

Documentos diversos registram como possível data do surgimento de Guia o período correspondente entre os anos de 1736 e 1744. Desde a descoberta da primeira mina de ouro (1719), Cuiabá – como outras localidades auríferas – passa a ganhar a atenção da Coroa portuguesa. Torna-se também foco de muita gente oriunda de variados lugares, proporcionando a existência de um ambiente de contato cultural, tendo como base, por ser maioria, a chamada cultura caipira que já se formara, a partir do século XVI, no planalto de Piratininga.³

Mesmo depois da decadência da extração mineral, o vilarejo continuou representando uma fatia importante da economia cuiabana, pois era um dos mais importantes produtores de açúcar e farinha da região.

Além de Guia há outras comunidades em Mato Grosso eleitas para coleta e análise da variedade que, de acordo com sua história social, representa o resultado da expansão do dialeto caipira dito paulista⁴.

2. Bases teórico-metodológicas

Na proposta de investigar a variedade lingüística do Distrito da Guia, tendo idosos como principais informantes, nos pautamos em três linhas teórico-metodológicas que consideramos interdisciplinares nesta proposta de pesquisa: a Dialetologia, a Sociolingüística e a Lexicografia.

³ No que se refere às ascendências de Guia, o autor guiense Aníbal Alencastro (1993) sugere que o Distrito tem influência de nordestinos, mineiros e, especialmente, paulistas, considerando que a procedência da maioria das expedições (se não todas) rumo à Cuiabá vinham de São Paulo. É de opinião que apesar de haver registros de povos indígenas aos arredores da Guia, não há evidências documentais de sua interação com os colonizadores, bem como sua participação na expansão do local. Informação que, no mínimo, cabe uma interrogação.

⁴ Estudos sobre a variedade Cuiabana já foram apresentados por Santiago-Almeida (2000), Santiago-Almeida & Cox (2005), e Lima (2005), dentre outros.

Na Dialetologia, ciência – considerada por Ferreira e Cardoso (1994, p.9) “não de gabinete” – que se dedica à coleta e classificação de variedades regionais através do método geolingüístico, que leva à elaboração do instrumento de coleta à cartografia dos dados, tomamos os exemplos das pesquisas já realizadas, que resultaram em publicações, e que hoje temos como base às novas investigações dialetológicas. Citamos, dentre outros, Amaral (1920) e Nascentes (1922), na origem, e Aguilera (1994), mais recente.

A Lexicografia, por sua vez, surge da necessidade de se registrar o uso, o significado e o funcionamento de uma unidade lexical realizada num grupo de falantes, por meio dos dicionários que “constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua” (BIDERMAN, 2001, p.131). Nas palavras de Oliveira e Isquierdo (2001, p.17) – “a lexicografia é a ciência dos dicionários” e possibilita a utilização dos dicionários de uma língua como fontes para o estudo das lexias coletadas, subsidiando as análises feitas a partir dos seus contextos de utilização e a compreensão da época a que se reportam.

A sociolingüística, que tem como objeto de investigação o “estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso” (ALKMIM, 2001, p.31), contribui de maneira singular para esta investigação, pois nela há de se considerar que as diferentes maneiras de falar resultam das vivências dos falantes no meio em que estão inseridos e das experiências que somam ao longo da vida.

A utilização dessas três linhas teórico-metodológicas nesse trabalho – cada qual enfocando a pesquisa lingüística sob um aspecto particular, mas todas buscando a compreensão e o registro das variedades de uma dada língua – se justifica, considerando que na investigação aqui pretendida, elas assim subsidiam: i) Dialetologia: coleta lexical a partir da pesquisa de campo, com atenção a estas três fases do processo: o *antes* (a quem perguntar [os informantes], o que e como perguntar [o questionário], onde perguntar [as localidades] e quem pergunta [o inquiridor]); o *durante* e o *depois* (a seleção do que se pretende analisar e a análise em si). ii) Lexicografia: a utilização dos dicionários na análise dos elementos coletados no *corpus*, bem como, a elaboração de uma tabela contendo palavras com suas acepções e ponderações a partir do contexto de utilização pelo informante e da acepção dicionarizada. iii) Sociolingüística: a escolha dos informantes a partir de pré-requisitos ou variáveis sociais com atenção ao local da pesquisa e ao que se pretende investigar.

Dialetologia e Sociolingüística, nas palavras de Ferreira e Cardoso (1994, p.19), citando Silva-Corvalán (1988, p.8), são ciências até certo ponto sinônimas, pois “estudam a língua falada, o uso lingüístico e estabelecem as relações que existem entre certos traços lingüísticos e certos grupos de indivíduos.”

3. Caracterização do *corpus*

A escolha do objeto de pesquisa (o falar de Guia, centrado nos idosos) partiu da hipótese de que as pessoas idosas, com pouca ou nenhuma escolaridade, cujo contato lingüístico está restrito aos seus pares, tendem, por herança lingüístico-cultural, à manutenção da variedade lingüística de seus antepassados. Além disso, ao contrário dos mais jovens, alfabetizados, cujo contato lingüístico não está restrito à comunidade de origem, é nesse tipo de informante que a resistência à inovação e mudança lingüística, assim como em outros aspectos, pode ser mais explícita.

Para atender a essa pretensão, precisávamos identificar, inicialmente, os moradores/informantes que nos dariam subsídios lingüísticos e forneceriam elementos para a composição do léxico específico da pesquisa. Baseamos-nos, desse modo, nos pré-requisitos de seleção de informantes propostos pelo ALiB (Atlas Lingüístico do Brasil), determinando:

- o número de 15 informantes;
- de ambos os sexos;
- com idade superior a 55 anos;
- nascidos na comunidade eleita e, preferencialmente, filhos de pais nascidos também na mesma localidade;
- com profissão definida e, se possível, sem necessidade de mobilidade;
- analfabetos ou com grau de escolaridade mínimo (Ensino Fundamental incompleto).

4. Metodologia de coleta, classificação e escolha das lexias

Antes do início do trabalho da coleta lexical, determinamos que o grupo investigado – os idosos da Guia – não teria um questionário específico para responder, pois isso poderia impossibilitar uma conversa mais produtiva e comprometer a genuinidade do vocabulário usado.

Optamos, então, pela conversa sugerida, motivada pelo pesquisador, porém solta, que não constrange e permite que o interlocutor fale sobre assuntos do seu cotidiano, do que responder a um questionário preestabelecido, que talvez não corresponda à realidade do dia-a-dia da comunidade e, principalmente, não permita a coleta da verdadeira variedade local.

Para tanto, retomamos a proposta de coleta lexical existente no ALiB e nomeamos os campos semânticos que pretendíamos investigar direcionando, da maneira mais natural possível, os temas das conversas com os informantes.

Assim, iniciávamos a entrevista perguntando sobre a suas vidas desde criança, e, a partir de então, íamos propondo conversas sobre casamento, trabalho/vida profissional, costumes antigos, lendas ouvidas pelos pais e avós, formação da família e criação dos filhos. Também os motivávamos a falar sobre assuntos relativos à comunidade guiene, de forma a atender os campos semânticos pretendidos e abstrair dessas conversas, o maior número possível de informações que agregassem dados à nossa investigação.

Feitas as entrevistas, que duravam em média 1h30min por informante, transcrevemos as informações que julgamos imprescindíveis à pesquisa e a partir dessa transcrição, selecionamos as lexias e as classificamos de acordo com os campos semânticos pré-determinados, quais sejam: 1) Habitação; 2) Atividades domésticas e profissionais; 3) Alimentação e cozinha (utensílios); 4) Corpo humano, saúde, ciclos de vida; 5) Atividades agropastoris; 6) Jogos e diversão infantis; 7) Convívio e comportamento social; e 8) Religiões e crenças.

5. Análise das lexias e investigação lexicográfica

Partindo do princípio, ressaltado por Biderman (2001, p.14), de que o léxico de uma língua natural é identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística ao longo de sua história, ao trabalharmos com o léxico abstraído do falar de um povo ou grupo social, estamos nos propondo a compreender como se dá

o processo de aquisição desta ou daquela lexia no conjunto de palavras que forma o seu vocabulário e que significado tem para a constituição histórica da comunidade lingüística investigada.

Leite (2003, p.28) chama atenção para a importância da língua no recompor histórico de uma sociedade e cita Benveniste (1989, p.100) para reforçar esta idéia:

A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o semantismo social. (...) O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura.

Tendo a língua como objeto de investigação e de compreensão dos povos, culturas e sociedades que a utilizam, precisamos, sobretudo, identificar em que momentos e em que processos lingüísticos são expressas estas ou aquelas palavras para então tirarmos conclusões ou levantarmos hipóteses acerca da época de utilização e primeiros registros.

Isso quer dizer que não há formas de assegurar o uso de um termo específico e mesmo do léxico de/em uma comunidade em estudo quando não o analisamos no contexto de utilização. Nessa direção afirma Leite (2003, p.29) que:

o léxico só pode ser adequadamente interpretador quando analisado a partir do contexto em que foi enunciado, ou seja, a partir de sua enunciação, da relação produto (enunciado) / processo (enunciação).

Pautados nestas afirmativas, iniciamos nossa análise do *corpus* designado para esta pesquisa, embasados nos dicionaristas que se dedicaram ao estudo, classificação e registro dos termos existentes na língua portuguesa.

Trabalhamos com estas obras lexicográficas representativas, do século XVIII ao XXI, observando a ordem cronológica de publicação:

1. Pe. Raphel Bluteau - 1712;
2. Antônio de Moraes Silva – 1813;
3. Frei Domingos Vieira – 1871;
4. Laudelino Freire - 1922;
5. Francisco Júlio Caldas Aulete - 1948;
6. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira - 1986;
7. Antônio Houaiss e Mauro de Salles Villar – (Houaiss) 2001
8. Francisco S. Borba - 2002

As aceções foram reproduzidas tal qual se encontram nos dicionários, sem modernização ortográfica ou qualquer correção e adequação. Dessa forma, pretendemos garantir a melhor compreensão do processo realizado na análise das lexias.

Para este texto apresentamos a análise de apenas três lexias a fim de exemplificar todo o trabalho elaborado na pesquisa feita com os moradores idosos do Distrito da Guia.

Exemplo 1: TACURU

Contexto de utilização:

“Brincava de boneca, panhava pedaço de cuiá pra fazê. Tinha panelinha que cozinhava no **tacuru**. Botava foia dentro e fazia de conta que era comida. E aí passava...” (Dona G)

“Naquele tempo ia pro mato trabaiá e levava as panela de barro pra cozinhá no **tacuru**.” (Dona N)

“Eu vi muito mamãe cozinhano no **tacuru** que se fazia no meio do mato onde tava prantano.” (Dona C)

Forma concorrente 1: TAPURU

“Nóis cozinhava na panela de barro feito assim no **tapuru** com três pedras – **tapuru** é de pedra, falava **tapuru**... É de pedra: um pra cá, um pra lá e um pra aqui. Aí pra cuzinhá fazia o fogo, apanhava a lenha e fazia o fogo. Nóis cuzinhava nesses **tapuruzinho**.” (Dona M)

Forma concorrente 2: TUCURU

“Nesse tempo não usava nem fogão, era **tucuru** de pedra.” (Dona A)

Forma concorrente 3: TUCURUM

“(...) tudo limpinho lá debaixo do arvoredó. Aí nós fazia **tucurum** pra lá, outro pra cá e botava a panela, botava, fritava carne, botava o arroiz.” (Dona L)

Acepções registradas nos dicionários:

1. TACURU

1. **Bluteau**: Não há registros
2. **Silva**: Não há registros
3. **Vieira**: Não há registros
4. **Freire**: *Tacurú*¹ s.m. Montículo de terra argilosa semiesférico ou cônico, atingindo às vezes a altura de 2 metros, formado sôbre a base do ninho do cupim abandonado. *Tacurú*² s.m. O mesmo que *tacuruba*. *Tacuruba* s.f. Tupi *itacuruba*. Trempe, formada por três pedras soltas, em que se assenta a panela.
5. **Aulete**: 1. sm. (Bras.) o mesmo que *tacuruba*. *Tacuruba* (Bras.) trempe formada por três pedras soltas em que assenta a panela.
6. **Ferreira**: [Do tupi.] substantivo masculino. 1.Bras. S. MT V. *cupim* (2). Substantivo masculino. 1.Bras. F. apocopada de *tacuruba*.
7. **Houaiss**: substantivo masculino. Regionalismo: Brasil. m.q. *tacuruba* ('tripé')
8. **Borba**: *Nm*. Montículo de terra fofa feita por cupins, especialmente em lugares úmidos ou alagadiços, chegando a atingir mais de um metro de altura.

2. TAPURU

1. **Bluteau**: Não há registros
2. **Silva**: Não há registros
3. **Vieira**: Não há registros
4. **Freire**: *Tapurú* s.m. O mesmo que *taperú*. //2. Incômodo animal parasitário que ataca as pessoas menos asseadas.

5. **Aulete:** s.m. (Bras.) nome de dois euforbiáceos da Amazônia e Maranhão.
6. **Ferreira:** [Do tupi] substantivo masculino. 1.Bras.Zoo. V. *bicheira* (2.) [Var., no N. e N.E.: *taperu*] 2.Bras.N.E. O bicho de fruta.
7. **Houaiss:** substantivo masculino 1.Rubrica: entomologia. m.q. *bicheira* ('designação comum') 2.Rubrica: entomologia. Regionalismo: Mato Grosso. m.q. *cupim* ('designação comum')
8. **Borba:** *Nm* Larva de insetos que depositam ovos em bicheira.

3. TUCURU

Registrado apenas por Houaiss: substantivo masculino Rubrica: entomologia. Regionalismo: Brasil. m.q. *tacuruba* ('tripé').

4. TUCURUM

Sem registro em todos os dicionários consultados.

Considerações:

A *Lexia tacuru* registrada em Freire, Aulete, Ferreira e Houaiss como sinônima de *tacuruba*: trempe formada por três pedras soltas em que se assenta a panela, leva-nos a considerar que se trata de um tipo de fogão rústico feito com três pedras postas em forma de triângulo que possibilitavam assentar panelas e nelas preparar os alimentos. O mesmo significado trazido pelos informantes da Guia.

Borba registra *tacuru* como “casa de cupins”. As formas concorrentes de *tacuru* (*tapuru*, *tucuru* e *tucurum*) colhidas entre os informantes podem evidenciar: 1) possível variação fonético-fonológica, sem registro lexicográfico para *tucuru* e *tucurum*; 2) o uso de *tapuru* ou por variação fonético-fonológica ou por metonímia. A palavra, segundo o dicionário Houaiss, é um regionalismo de Mato Grosso e tanto esse dicionário como Borba apresentam-na com a acepção *cupim*.⁵

Exemplo 2: BATEIA

Contexto de utilização:

“Os prato era de madeira, é tudo de madeira, não tinha prato comprado; era só de madeira; aí nós ia e comia junto com minha vó, uma **bateia** assim de madeira. Era tipo uma **bateinha** assim redondinha assim, o povo costumava fala **gamela**, toda de oreinha de lado.” (Dona M)

“Gostava de comê fedjão intero; cozinhava aquele fedjão aí eu tirava, botava na **bateia** com petche e comia. Eu gosto mais do cardo.” (Dona G)

Acepções registradas nos dicionários:

1. **Bluteau:** Bátega de Agoa (termo ru[s]tico). Vid.Aguaceiro. Entre os ru[s]ticos, [s]e diz *bátega*, entre os marinheiros, aguaceiro.

⁵ A metonímia se configura se considerarmos a transferência de acepção de *tapuru* (cupim) para a moradia (cupinzeiro), que, pelo formato ou pelo mesmo pelo possível uso esporádico como fogão, remete a *tacuru* (tipo de fogão rústico feito com três pedras postas em forma de triângulo).

2. **Silva:** *Batéa* s.f. Vaso como alguidar de madeira, com fundo afunilado, ou cônico; serve para lavagem do ouro, que fica no fundo, quando se lava a terra mineral, com que as piscas, e folhetas estão misturadas.
3. **Vieira:** *Bátega* s.f. (Do árabe *bateja*, prato corvo, gamella) vaso como bacia, para serviço de mesa.
4. **Freire:** s.f. Vaso como o alguidar, de madeira, com o fundo afunilado ou cônico, o qual serve para a lavagem das areias auríferas ou cascalho diamantífero.
5. **Aulete:** s.f. vaso de madeira em forma de alguidar, que serve para lavagem das areias auríferas.
6. **Ferreira:** [Do ár. *Batya(t)*, poss.] substantivo feminino. 1. Gamela de madeira que se usa na lavagem das areias auríferas ou do cascalho diamantífero.
7. **Houaiss:** substantivo feminino. Rubrica: termo do garimpo. Recipiente de madeira ou metal, de fundo cônico, onde cascalho, minério ou aluvião são revolvidos, em busca de pedras e metais preciosos.
8. **Borba:** *Nf* Gamela afunilada de madeira em que se lavam areias auríferas ou cascalhos diamantíferos.

Considerações:

Registrada por todos os dicionários, *bateia* (*bátega* ou *batéa*) quer dizer, na maioria deles: vaso ou gamela de madeira ou metal utilizado para lavagem das areias auríferas; objeto comum nos garimpos.

Os informantes de Guia, no entanto, fizeram uso dessa lexia no campo semântico culinário, descrevendo-a como utensílio usado para substituir o “prato comprado” (Dona M).

A *bateia*, segundo relatam, era talhada na madeira e as crianças menores comiam junto com os mais velhos, pois não havia prato para todos: “aí nós ia e comia junto com minha vó” (Dona M).

Nesta perspectiva, retomamos a história de constituição do Distrito da Guia para buscarmos elementos que justifiquem a utilização de um objeto da garimpagem no dia-a-dia doméstico para outra finalidade.

Sabemos, pela história, que os primeiros colonizadores a se fixarem nessas terras foram os garimpeiros com suas famílias em busca do ouro descoberto às margens do Rio Coxipó-Açú. Daí infere-se que muitos objetos específicos da garimpagem, por necessidade, ganharam outras utilidades, como é o caso da *bateia*.

A acepção corrente no léxico guiense encontra registro apenas em Vieira (1871): “vaso como bacia, para serviço de mesa”. É também Vieira ao lado de Ferreira e Borba os únicos que listam *gamela* como sinônimo de *bateia*, assim como faz Dona M na tentativa de descrever tal utensílio: “...assim redondinha assim, o povo costumava fala *gamela*” (...).

Exemplo 3: PEJADA

Contexto de Utilização:

“Me deu dó de minha irmã quando ela tava **pejada** e que foi dar a luz a uma criança e essa criança morreu. Saí pra ficar lá no cerrado e disse assim: ‘Senhor Jesus Cristo, a moça que eu casá com ela, num deixa nós adquirir filho’, de dó da muié. De sofrimento.” (Sr.S)

Acepções registradas nos dicionários:

1. **Bluteau:** Não há registros para essa lexia.
2. **Silva:** *Pejado* – p.pass. de *Pejar*. V. OCCUPADO (...) // Prenhe [PEJAR] v.at. *Pejar a mulher*, v.n. conceber, ficar prenhe, engravidar-se.
3. **Vieira:** *Pejado* part.pass. de *pejar*. Ocupado, prenhe, grávido [syn. *Pejado*, prenhe].
4. **Freire:** adj.Fem. De *pejado* - Diz-se da mulher e da fêmea dos animais, em estado de prenhez.
5. **Aulete:** s.f. fêmea prenha – *Pejado*: ad. Cheio, carregado. //Diz-se da mulher ou da fêmea dos animais no estado de gravidez.
6. **Ferreira:** *Pejado* - Adj. 1. Que sente pejo, envergonhado, acanhado. 2. Repleto, cheio. 3. Diz-se da mulher ou doutra fêmea em estado de gestação.
7. **Houaiss:** *Pejado* - adjetivo . 1. que tem pejo, vergonha; envergonhado, tímido; 2. que tem a capacidade completa; carregado, cheio, repleto. 3. diz-se de mulher ou animal fêmea prenhe
8. **Borba:** *Pejado* - Adj. [Qualificador de nome humano ou abstrato] 1. Cheio, repleto; carregado; [Classificador de nome humano no feminino] 2. em estado de gestação

Considerações:

O adjetivo tomado como sinônimo de grávida e verbalizado pelo Sr.S., apesar de sua aparente estranheza, evidencia manutenção semântico-lexical e está dicionarizado pela maioria dos lexicógrafos (a exceção de Bluteau).

Palavra registrada pela primeira vez por A.G. Cunha no *Índice do Vocabulário do Português Medieval*, em 1986, a lexia aparece uma única vez nas inquirições no Distrito da Guia, mas chama a atenção do ouvinte/leitor.

Nosso informante - Sr.S. – temendo não ser compreendido, logo ao verbalizar a lexia tratou de modernizá-la durante a explicação do que era esta condição de *pejada*: “*Pejada... é grávida, prenhe. Minha irmã tava pejada, esperando um filho.*”

De todo modo fica evidente sua opção por *pejada* ao longo do discurso e por isso nosso interesse em investigar o uso corrente deste vocábulo na localidade.

5. Considerações finais

A pesquisa por mais extensa que seja nunca se esgota. Sempre há algo novo a descobrir, uma contestação a ser feita, um novo olhar a ser posto em relação ao objeto pesquisado e aos resultados alcançados.

As palavras apresentadas neste texto serviram para mostrar que quando nos dedicamos a investigar uma dada lexia e a compreender seu uso e função na língua precisamos, sobretudo, identificá-la dentro de um grupo social e do seu contexto de utilização.

Com base nos elementos que compõem toda a pesquisa no Distrito da Guia (e não unicamente nos exemplos citados aqui), incluindo amostras da fala dos mais jovens e considerando também os eventos sociais observados no Distrito⁶, a hipótese da manutenção tende a não se confirmar tanto quanto o esperado.

Segundo os próprios moradores, os jovens já não querem mais permanecer no Distrito pela falta de perspectivas econômicas e culturais do lugar. A saída desse grupo para estudar e/ou trabalhar na capital, Cuiabá, explicita um dos fatores que levam à alteração no nível lingüístico.

⁶ *Estudo Semântico-Lexical no Distrito Nossa Senhora da Guia*. Dissertação defendida em 2007. Programa Filologia e Língua Portuguesa, USP.

Outro fato que deve ser considerado, nessa perspectiva de inovação, é a atual facilidade de locomoção entre Cuiabá e Guia. O transporte gratuito para os mais idosos e para os estudantes dos ensinos médio e superior que freqüentam instituições em Cuiabá e, ainda, o baixo custo da passagem propiciam a mobilidade dos moradores do Distrito e, naturalmente, o contato com outras variedades lingüísticas, o que contribui significativamente para que ocorra a variação e conseqüente mudança/inovação no falar local.

6. Referências e bibliografia consultada:

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.
- ALENCASTRO, Anibal. *Freguezia de Nossa Senhora da Guia*. Várzea Grande: Fundação Julio Campos, 1993.
- ALKMIM, Tânia. Sociolingüística: parte I. In: MUSSALIN, F. BENTES, Anna. C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2001.
- AMARAL, Amadeu (1920). *O dialeto caipira*. 2ª ed., São Paulo: Anhembi, 1955.
- ATLAS LINGÜÍSTICO DO BRASIL (ALiB), Comitê Nacional do Projeto ALiB. Londrina: UEL, 2001.
- AULETE, F. J. Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 3ª ed., 1948.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BERTOLDO, Sandra Regina F. *Estudo semântico-lexical no Distrito Nossa Senhora da Guia*. Dissertação e mestrado. USP, 2007.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O português brasileiro e o português europeu: identidade e contrastes. In: *Revue Belge de Philologie et D'Histoire*. Liège, 2001.
- BLUTEAU, Pe. Raphael. *Vocabulário Português-Latino*. (digitalizado), 1712-1728.
- BORBA, Francisco S. *Dicionários de Usos do Português do Brasil*. SP: Ática, 2002.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia lingüística no Brasil*. SP: Ática, 1991.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Os estudos lingüísticos regionais. In: *Boletim de filologia*. Rio de Janeiro, 1947.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O Atlas lingüístico do Brasil: um projeto nacional. In: AGUILERA, V. de A. (org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: UEL, 1998.
- DARMESTELER, A. “La vie des mots étudiés dans leurs significations”. In: AMARAL, A. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4ª ed., SP: Hucitec, 1981.
- FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed., 1986
- FERREIRA, Carlota da Silveira & CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil – metodologia de trabalho dialetal, inquérito lingüístico e atlas dialetológico, regionalismos léxicos*. São Paulo: Contexto, 1994.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1922.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Monções*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- HOUAIS, A. & VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. 2001.
- ISQUERDO, Aparecida Negri & OLIVEIRA, Ana M. P. Pires. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. 2ª. ed., Campo Grande: UFMS, 2001.
- LEITE, Marli Quadros. Aspectos de uma língua na cidade: marcas da transformação social no léxico. In: PRETI, D. (org.). *Léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- LIMA, Criseida Rowena Zambotto. *Aspectos fonéticos conservadores no falar de Mata-Cavalo*. Dissertação de mestrado. UFMT, 2005.

- LUCHESI, Dante & ARAÚJO, Silvana. *A sociolinguística variacionista: fundamentos teóricos e metodológicos*. Disponível em <http://www.vertentes.ufba.br/socio.htm>
- NASCENTES, Antenor (1958-61). *Bases para a elaboração do Atlas Lingüístico do Brasil*. 2 v. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958-61.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1922.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e sentido do Brasil*. 2.^a ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel M. & Cox, Maria Inês Pagliarini (Orgs.). *Vozes cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral, 2005.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Aspectos fonológicos do português falado na baixada cuiabana - traços de língua antiga preservados no Brasil*. Tese de Doutorado. USP, 2000.
- SILVA, Antônio Morais. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 2.^a ed., 1813.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira et alii. *O processo histórico de Mato Grosso*. Cuiabá: Guaicurus, 1990.
- TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7.^a ed., São Paulo: Ática, 2004.
- VIEIRA, Frei Domingos. *Grande Dicionário Português ou Tesouro da Língua Portuguesa*. 1871-1974.